

A FUNÇÃO DO EDUCADOR CONTEMPORÂNEO

The Role of the Contemporary Educator

Joelma de Souza Silva¹, Lidiane Lopes Campos de Jesus²

1 Joelma de Souza Silva. Graduada em Letras na Universidade do Estado da Bahia, UNEB em 2018. Pós-graduada em Libras pela Faculdade de Educação São Luís em 2019. Mestra em Ciências em Educação Cristã. Christian College of Educaler. E-mail: joelmass2015@hotmail.com

2 Lidiane Lopes Campos de Jesus. Orientadora. Doutoranda em Ciências em Educação Cristã. Christian College of Educaler. E-mail: llopescampos@yahoo.com.br

Resumo

O presente estudo tem como objetivo refletir sobre o perfil de um professor, diante dos suportes pedagógicos atualmente oferecidos para que esses profissionais desenvolvam suas funções dignamente. A temática que direciona a pesquisa é a função do educador contemporâneo. Nesse contexto vale salientar que é válido também refletir sobre o que esse profissional é realmente capaz de proporcionar no cenário atual da educação e do mundo. Justifica-se essa pesquisa pela necessidade de compreender porque diante dos recursos pedagógicos, alguns professores desempenham suas funções de maneira favorável, enquanto outros não conseguem consolidar habilidades básicas dos seus alunos? Para consolidar os conceitos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e observação direta da experiência vivenciada pela pesquisadora

Palavras-chave: Professor. Formação. Educador. Atualidade. Desafios.

Abstract

This study aims to reflect on the profile of a teacher, considering the pedagogical support currently offered to enable these professionals to perform their duties effectively. The central theme of the research is the role of the contemporary educator. In this context, it is also worth reflecting on what this professional is truly capable of providing in the current educational and global landscape. This research is justified by the need to understand why, given the available pedagogical resources, some teachers perform their duties favorably, while others fail to consolidate basic skills in their students. To consolidate the concepts, bibliographic research and direct observation of the researcher's lived experience were used.

Keywords: Teacher. Training. Educator. Current situation. Challenges.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo em constante transformação. As tecnologias, o acesso fácil e rápido a todo tipo de informação têm acelerado ainda mais essas mudanças. A educação, porém, parece não acompanhar essa evolução na mesma velocidade. Esse fato ficou ainda mais evidente durante a pandemia da Covid 19. Essa pesquisa que tem como tema, a função do educador contemporâneo, traz várias reflexões diante os desafios profissionais que a classe enfrenta. O papel do professor também vem mudando ao longo dos anos, mas, a

formação desses profissionais tem sido necessária para os obstáculos da sala de aula. Atualmente, estado, sociedade, pais e os próprios professores têm visões diferentes sobre qual o objetivo das instituições de ensino e a função de um educador.

Em meio a tantas mudanças, os desafios à prática docente foram muito maiores. As habilidades permitidas para atuar como profissionais na área da educação hoje são muito mais abrangentes e complexas, em contrapartida, a formação e capacitação desses profissionais se mostram insuficientes e ineficazes para atender tais exigências. Cobra-se muito dos professores e pouco se oferece para garantir o cumprimento dessas requisições.

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o perfil de um professor, diante dos suportes pedagógicos atualmente oferecidos para que esses profissionais desenvolvam suas funções dignamente. Nesse contexto vale salientar que é válido também refletir sobre o que esse profissional é realmente capaz de proporcionar no cenário atual da educação e do mundo.

Justifica-se essa pesquisa pela necessidade de compreender porque diante dos recursos pedagógicos, alguns professores desempenham suas funções de maneira favorável, enquanto outros não conseguem consolidar habilidades básicas dos seus alunos?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No mundo em constante evolução de hoje, o papel do educador contemporâneo é mais desafiador e crucial do que nunca. Com avanços tecnológicos, mudanças culturais e novas abordagens pedagógicas, os educadores precisam se adaptar e inovar constantemente para atender às necessidades dos alunos. A função do educador contemporâneo vai muito além de transmitir conhecimento, envolvendo também o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e a promoção de uma educação inclusiva e diversificada.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e indagador, inquieto em face da tarefa que tenho — a de ensinar e não a de transmitir conteúdos. (FREIRE, 1996, p.)

É fundamental que os educadores estejam preparados para lidar com a diversidade de alunos e suas necessidades individuais, promovendo um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor. Além disso, é essencial que os educadores sejam facilitadores do processo de aprendizagem, estimulando a autonomia e o

pensamento crítico dos alunos. É essencial que estejam preparados para lidar com a diversidade cultural e as diferentes realidades sociais presentes em suas salas de aula.

Assim, os educadores podem garantir um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor para todos os alunos, promovendo o desenvolvimento integral de cada um. Ao reconhecer e respeitar as diferenças individuais, os educadores contribuem para a formação de cidadãos críticos, criativos e autônomos. Dessa forma, os educadores podem garantir um ambiente de aprendizagem inclusivo e acolhedor para todos os alunos, independentemente de suas necessidades individuais. Ao promover a diversidade e estimular o pensamento crítico, os educadores contribuem para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Ao promover um ambiente inclusivo e acolhedor, os educadores podem garantir que todos os alunos se sintam valorizados e motivados a aprender. Sendo assim, contribuem para o desenvolvimento integral de cada indivíduo, respeitando suas diferenças e necessidades específicas.

Portanto, é fundamental que os educadores estejam sempre atentos às particularidades de cada aluno e busquem estratégias que favoreçam a participação de todos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, estarão cumprindo não apenas seu papel como educadores, mas também como agentes de transformação social. Dessa forma, é fundamental que os educadores estejam sempre atentos às particularidades de cada aluno e busquem estratégias que possam atender a diversidade presente em sala de aula. A inclusão e o acolhimento são essenciais para o pleno desenvolvimento dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, ao promover a diversidade e estimular o pensamento crítico, os educadores preparam os alunos para lidar com desafios do mundo real e promovem uma cultura de respeito e aceitação mútua.

A educação profissional, mesmo que se pretenda apenas técnica, não pode prescindir de uma compreensão crítica da realidade, sob pena de se tornar mera prática de treinamento. É necessário que o educando se assuma como sujeito da história e da cultura, desenvolvendo a capacidade de intervir no mundo através do diálogo e do respeito às diferenças. (FREIRE, 1996, p. 42).

Assim, o ambiente de aprendizagem se torna um espaço propício para o crescimento pessoal e acadêmico de todos os estudantes. Portanto, é fundamental que os educadores estejam sempre atualizados e dispostos a se adaptar às necessidades individuais de cada aluno, garantindo assim um ambiente inclusivo e acolhedor. A educação se torna uma ferramenta poderosa para transformar a sociedade e promover a igualdade de oportunidades para todos. Assim, é fundamental que os educadores estejam sempre atualizados e dispostos

a se adaptar às necessidades individuais de cada aluno, garantindo dessa forma um ambiente inclusivo e acolhedor.

Para ensinar comunidades que transcendem as fronteiras de raça, classe e gênero, precisamos de uma linguagem que nos permita falar através dessas fronteiras. A educação como prática da liberdade é um modo de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse aprendizado exige que o professor reconheça a importância do pensamento crítico e da voz de cada estudante no processo de construção de uma cultura de respeito. (HOOKS, 2013, p. 191).

É fundamental que os educadores estejam sempre atentos às particularidades de cada aluno e busquem estratégias que favoreçam a participação de todos no processo de ensino-aprendizagem. Assim, estarão cumprindo não apenas seu papel como educadores, mas também como agentes de transformação social. Assim, é fundamental que os educadores estejam sempre atentos às particularidades de cada aluno e busquem estratégias que possam atender a diversidade presente em sala de aula. A inclusão e o acolhimento são essenciais para o pleno desenvolvimento dos estudantes e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Além disso, ao promover a diversidade e estimular o pensamento crítico, os educadores preparam os alunos para lidar com desafios do mundo real e promovem uma cultura de respeito e aceitação mútua.

Entende-se que o ambiente de aprendizagem se torna um espaço propício para o crescimento pessoal e acadêmico de todos os estudantes à medida que se valoriza o diálogo. Essa dinâmica corrobora a perspectiva de Freire (1996), que enxerga a escola como um espaço de emancipação e transformação social. É relevante que os educadores estejam sempre dispostos a se adaptar às necessidades inerentes a cada aluno, a garantia de um ambiente inclusivo e acolhedor, deve ser construído todos os dias, através do diálogo e da oportunidade ofertada a cada aluno para se expressar. Dessa forma, a educação se torna uma ferramenta poderosa para transformar a sociedade e promover a igualdade de oportunidades para todos.

Como o professor atua diante as tecnologias, os que buscam inovações e os que insistem no trabalho tradicional podem impactar diretamente a forma como os alunos aprendem e se desenvolvem. É importante que haja um equilíbrio entre a utilização de tecnologias e métodos tradicionais para garantir uma educação eficaz e abrangente. O professor que busca inovações pode utilizar as tecnologias como ferramentas para tornar suas aulas mais dinâmicas e interativas, enquanto os que insistem no trabalho tradicional podem acabar ficando para trás no desenvolvimento educacional. É importante que os educadores estejam abertos a novas possibilidades e se adaptem às mudanças tecnológicas para melhor atender às necessidades dos alunos. Podem influenciar diretamente a forma como os alunos aprendem e se desenvolvem no ambiente escolar. É importante que haja um equilíbrio entre essas abordagens para garantir uma educação de qualidade e alinhada com as demandas do mundo atual. Os educadores que conseguem integrar tecnologias em suas práticas

pedagógicas podem proporcionar uma experiência de aprendizado mais significativa e atualizada para os alunos. Além disso, a formação contínua dos professores é essencial para que possam utilizar as ferramentas tecnológicas de forma eficaz e inovadora.

Os educadores que incorporam tecnologias em suas práticas pedagógicas podem proporcionar experiências de aprendizagem mais significativas aos alunos, estimulando a criatividade e o engajamento. Deve-se, porém, propiciar formações aos professores que inclua o uso de tecnologias educacionais, para que possam acompanhar as transformações no ensino e na aprendizagem. Os educadores precisam buscar capacitação e é preciso que, estejam dispostos a incorporar novas tecnologias em suas práticas pedagógicas. Só assim poderão proporcionar uma experiência de aprendizagem mais eficaz e significativa para no contexto educacional preparando os alunos também para uma vida em sociedade, a qual já tem em todos os seus espaços a oferta midiática das informações.

A integração de tecnologias no ambiente educacional pode preparar os alunos para o mundo digital em constante evolução, contribuindo para sua formação integral. Portanto, é essencial que os educadores estejam abertos a explorar novas ferramentas e recursos tecnológicos em suas aulas, pois, como aponta Moran (2012), as mídias digitais atuam como catalisadoras que transmutam o ensino passivo em um modelo híbrido, ativo e focado no engajamento do estudante. Diante disso, a escola deve promover um ambiente propício para a inovação e o uso responsável das tecnologias. Os alunos poderão desenvolver habilidades essenciais para o mercado de trabalho do futuro como pensamento crítico, criatividade e colaboração. A utilização de tecnologias na educação também pode tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, promovendo um maior engajamento dos estudantes. A tecnologia pode ser uma aliada no processo de ensino-aprendizagem, desde que seja utilizada de forma consciente e planejada.

Atualmente e cada vez mais, as instituições têm bem definidas qual o seu papel, e, os profissionais buscam nichos cada vez menores para melhor atender as demandas em aspectos cada vez mais específicos. É assim na área da indústria, da saúde, na área judicial e em tantas outras. Na escola, porém, o processo é inverso: o papel da instituição escolar está cada vez mais indefinido e a área de atuação dos profissionais da educação cada vez mais ampla.

O estado espera que os professores ensinem gramática, matemática, ciências, história, geografia, etc. A sociedade espera que os professores ensinem cidadania, valores, política. Os pais esperam que os filhos aprendam boas maneiras, respeito e atividades básicas. E os professores parecem malabaristas, para não dizer palhaços, tentando dar conta de tudo isso.

Mas afinal, quais são as atribuições de um professor? Maria Lucia de Arruda Aranha diz que “o passado não está morto, porque nele se fundam as raízes do presente.” (História da Educação e Pedagogia

2006 pág.07) Pensando nisso chegou-se à conclusão de que só podemos entender o papel do professor na atualidade, se compreendermos como essa profissão surgiu no passado.

A palavra pedagogo ou paidagogos vem do grego paidós (criança) e agogôs (condutor), sendo assim, pedagogo significa condutor de crianças. Neste sentido, deve-se destacar que os primeiros pedagogos, ou paidagogos, eram escravos de famílias ricas e entre suas tarefas cotidianas tinham que dar as mãos e acompanhar as crianças até a escola. Já em outra situação temos mais definições, a palavra grega scholé (escola) referia-se originalmente ao "lugar do ócio", visto que era destinada aos jovens de classes nobres que, isentos do trabalho para subsistência, dedicavam-se ao pensamento e à guerra (ARANHA, 2006). Com o passar do tempo, o conceito de pedagogia expandiu seu sentido para abranger toda a fundamentação teórica sobre o processo educativo (ARANHA, 2006).

O dicionário Michaelis online entre outras definições, diz que professor é “aquele que ensina”. Ensinar por sua vez é “transmitir (experiência prática) a; instruir (alguém) sobre”. E por muito tempo as escolas e os professores limitaram-se a isso: ensinar conteúdos, transmitir técnicas de leitura, escrita, interpretação e contagem. As formações de professores nos cursos de magistério e pedagogia encarregavam-se de preparar esses profissionais para ministrar aulas em disciplinas específicas.

Hoje, no entanto, espera-se que o profissional docente seja mais que um professor, espera-se que ele seja educador. Segundo o dicionário Michaelis, educar consiste em “dar a (alguém) todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade” (EDUCAR, 2024). Só a definição, é por si só pesada demais para ser atribuída a um único profissional. Se acrescentarmos a isso o fato de que o professor ensina, ao mesmo tempo, uma média de 20 crianças por turma e trabalha no mínimo com 02 turmas por ano, o ato de educar se torna extremamente difícil para os professores. Soma-se a isso o fato de que muitas famílias não entendem ao pé da letra a expressão educar e deixam todo o peso dessa responsabilidade a cargo das escolas.

Entendemos que por se tratar de uma profissão que lida diretamente com pessoas, em muitos casos, indivíduos em processo de formação (anos iniciais da escolarização), não podemos nos preocupar exclusivamente em repassar conteúdos e disciplinas, é preciso estar atento a todos os aspectos, sejam físicos, cognitivos ou morais. Entretanto, não podemos nos esquecer de que um professor, ou mesmo um educador, não é capaz de lidar com toda essa demanda. Cada aluno traz consigo condições neurológicas, fisiológicas, motoras, cognitivas, psicológicas, emocionais, traços de caráter, personalidade, valores, questões familiares, tudo isso, somado ao contexto em que se vive. O ser humano é um ser complexo e nenhum curso de formação ou capacitação de professores prepara esse profissional para tamanho desafio.

Um exemplo claro disso pode ser vivenciado durante a pandemia da covid-19, nos anos de 2020 e 2021. As escolas fecharam as portas, mas a educação continuou a acontecer. Muitos profissionais da área não têm e nem tiveram nenhum tipo de formação, habilidade ou mesmo aparato tecnológico para ministrar aulas durante a pandemia, mas precisaram enfrentar a empreitada. Agora, no retorno às aulas presenciais, fala-se muito em acolhimento, empatia, sensibilidade para receber os alunos, mas não se observa a mesma sensibilidade e empatia para lidar com esses profissionais que antes de qualquer outra coisa também são humanos, seres complexos. Essa negligência estrutural reflete o cenário analisado no estudo publicado no Repositório Institucional da UFMS, que destaca: Todos os esforços disseminados e imputados pelos professores tiveram suas dificuldades [...] gerando um cotidiano marcado por sofrimentos e pela falta de reconhecimento institucional (UFMS, 2023, p. 12).

Com recursos próprios, muitos profissionais da área de ensino procuram novas formações e cursos que possam melhor prepará-los para o exercício da profissão, todavia, dificilmente recebem o apoio necessário para isso, seja em tempo disponível para se dedicar as formações, seja em retorno financeiro. Talvez por isso os que finalmente conseguem vencer essas etapas se encaixem tão bem na descrição de Freire (1996) onde os oprimidos se tornam os opressores. Dificilmente um professor que enfrentou tantos obstáculos para se qualificar quer voltar ao chão da sala ou continuar na base, nas séries iniciais onde se recebe e se percebe os primeiros impactos que tanto dificultam o processo de educação. Por isso, na maioria dos casos, esse profissional que se especializou em algum campo específico vai à busca de colocações e dedica-se a escrever propostas, programas, currículos, projetos e tantas outras coisas que sobrecarregam e confundem os professores que continuam em sala de aula.

Como bem disse Maria Lúcia de Arruda Aranha (2012, pg. 24) “A educação não é, portanto, um fenômeno neutro, mas, sofre os efeitos do jogo do poder, por estar de fato envolvida na política”. Ela diz ainda que “A “novidade” tende a ser vista como um elemento intrinsecamente positivo. Há uma inflação de métodos, técnicas, reformas, tecnologias. Mais do que nunca é preciso estar avisados em relação a estas “novidades”, evitando o frenesi da mudança que serve, regra geral, para que tudo continue na mesma.” (História da Educação e Pedagogia 2006/2012 pág. 15, 23, 24). E é dessa forma que a educação continua sempre passos atrás das transformações que são realmente significativas.

A insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos mais graves problemas que enfrentamos... quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários tornam-se os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável. (MORIN, 2000, p. 14).

Conceitos antigos continuam vivos, disfarçados de mudanças. A escola ainda hoje, e mais do que nunca, continua a ser o lugar do ócio e os professores continuam sendo apenas um escravo condutor de crianças. A diferença é que agora precisamos lidar com o sentido mais nobre e o sentido mais literal das palavras. Para os mais privilegiados a escola continua a ser um lugar para ocupar-se de funções briosas, que já estão garantidas as elites pelo capital cultural e financeiro e os professores são apenas meros empregados que têm como única obrigação conduzir esses jovens elitizados ao seu futuro brilhante. Para as classes menos privilegiadas, a escola torna-se o lugar do ócio num sentido um tanto mais pleno da palavra, uma vez que estes estudantes na maioria das vezes não veem a escola como um lugar que satisfaça suas aspirações. Os professores diante do desinteresse dos alunos e seus responsáveis e em meio à realidade socialmente vulnerável em que a maioria se encontra, obriga-se a pegar esses jovens pela mão na tentativa de impedi-los de seguir por caminhos perigosos

3 METODOLOGIA

A linha escolhida para a escrita desse estudo iniciou-se com relatos da vivência da pesquisadora, professora e que vivenciou a educação antes, durante e depois da pandemia da COVID, mas, que traz apontamentos qualificados da educação em geral. Baseou-se em pesquisa bibliográfica com leitura de textos online, dicionários para elucidar alguns termos e também conversas informais com colegas de trabalho.

Excluiu-se do trabalho a necessidade de entrevistas e relatos diretos das conversas, bem como de questionários, mas, foram considerados todos os artigos publicados que embasam a indagação e consolidam o objetivo da pesquisa. Utilizou-se de palavras-chave como: professor, formação, educador, atualidade e desafios.

Para a análise e interpretação do material, adotou-se uma abordagem reflexiva e hermenêutica, que consistiu na leitura crítica e na articulação sensível entre as vivências da professora e o referencial bibliográfico consultado. O processo envolveu a identificação de núcleos de sentido nas conversas informais com os colegas e nos relatos de experiência, conectando-os diretamente com as leituras sobre o papel docente. Dessa forma, a análise permitiu compreender como o impacto da pandemia moldou a prática pedagógica, transformando percepções cotidianas em reflexões teóricas consistentes sobre a identidade e a função do educador contemporâneo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A discussão revela que a palavra *scholé* (escola) se fragmentou em dois resultados distintos dependendo do extrato social. Nas elites o "ócio" é produtivo. Os resultados mostram que o tempo escolar é convertido em acúmulo de capital cultural. A escola funciona como um clube de curadoria acadêmica e networking, onde o ócio é o luxo de se preparar para o comando. Nas Periferias: O "ócio" é interpretado como vazio. A discussão aponta que, sem currículos que se conectem à realidade do aluno, a escola torna-se um lugar de "passar o tempo". O resultado é a evasão escolar ou o desinteresse, pois o tempo investido não parece prometer a ascensão social prometida pelo discurso oficial.

Já a figura do professor como o pedagogo (o escravo que conduzia a criança) ganha novas nuances na atualidade. A discussão destaca que, em contextos de elite, o professor é pressionado a ser um prestador de serviços. O resultado é a decadência emocional do docente, que deve garantir o sucesso do aluno sob qualquer demanda. Em zonas de vulnerabilidade, o papel de conduzir pela mão deixa de ser simbólico. Os resultados mostram que o docente assume funções de assistência social e proteção física. A discussão revela que o foco se desloca do ensino-aprendizagem para a garantia da integridade social.

Ao discutir o texto, percebe-se que a escola não está diminuindo o abismo social, mas muitas vezes apenas o organizando. A escola opera sob uma lógica que valoriza o conhecimento que o aluno rico já traz de casa. Isso cria um resultado onde o sucesso escolar não tem muito haver com o esforço individual e sim, sobre a herança cultural. Aqueles que não possuem esse acesso privilegiado sentem-se estranhos dentro da própria sala de aula, o que reforça o sentimento de que a escola é um lugar que segrega, e não que inspira.

Os resultados indicam um choque de expectativas, enquanto a elite espera a elevação do seu status. A classe menos favorecida evade, pois, buscam alternativas de sobrevivência. A discussão aponta que, enquanto a educação não for tomada pelo processo de autonomia, oportunidade de potencial intelectual, baseados pelo meio social onde está inserido cada indivíduo, ela continuará apenas replicando métodos que segregam e destaca quem tem mais financeiramente, de quem tem menos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em última análise, a escola contemporânea mascara velhas hierarquias sob novos nomes. Enquanto para a elite o "ócio" é a sofisticação do privilégio, para a periferia ele é o vazio da falta de perspectivas. O professor, preso ao papel ancestral de pedagogo-escravo, oscila entre ser o prestador de serviços da elite e o guardião da sobrevivência popular. Conclui-se que, enquanto o valor do tempo escolar, estiver nas mãos da elite a educação não será uma ponte para a liberdade, mas um espelho que reflete e perpetua a desigualdade de classes.

O conceito de escola como lugar da inatividade e o professor como condutor demandam uma urgente revisão crítica. Não basta retornar ao sentido literal das palavras; é preciso mudar a lógica que privilegia e destaca poucos em detrimento de um todo. A verdadeira transformação educativa reside em transformar esse vago em tempo de emancipação real para todos, retirando do professor o fardo da escravidão funcional para devolvê-lo ao posto de mediador do conhecimento transformador. A estrutura escolar ainda não rompeu com as raízes que separam quem pensa de quem apenas circula pelo sistema.

Apesar das amarras históricas que ainda tentam definir a escola e o papel docente, o reconhecimento dessas estruturas é o primeiro passo para superá-las. A escola, embora com sua mazelas no trato estrutural e das desigualdades, ainda tem em si a semente da mudança. Se hoje o professor ainda atua como um condutor, há um movimento crescente para que ele se torne um emancipador, alguém que não apenas leva o aluno pelo caminho, mas que o ensina a construir suas próprias rotas.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

EDUCAR. In: MICHAELIS on-line. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2024. Disponível em: uol.com.br. Acesso em: 05 de maio 2026.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: reforma do ensino e reforma do pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

SILVA, Maria Eduarda. Os desafios enfrentados pelos professores na educação infantil durante a pandemia. Campo Grande: UFMS, 2023. Disponível em: Repositório Institucional da UFMS. Acesso em: 8 jun. 2026.